

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), , Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

épicos, as *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes, a historiografia romana, a épica romana anterior à *Eneida*, entre outros. Conclui o A. que nenhuma destas “terceiras partes” contribui para elucidar a questão da bipartição da *Eneida*. O terceiro e último capítulo faz uma análise da figura de Eneias ao longo de toda a obra (livros 1-4, 5-8 e 9-12), tentando perceber que tipo de herói é ou quer ser, e se se associa mais à astúcia de Ulisses ou à violência de Aquiles.

Dos vários pontos que compõem este livro, destaco, essencialmente, a densidade do texto. Não é uma obra de leitura fácil. Tendo em conta o constante diálogo intertextual, o livro requer um conhecimento sólido não apenas da *Eneida* e dos poemas homéricos, mas também da tragédia ática, das *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes, da épica e historiografia latinas. O tema que perpassa toda a obra é, pois, o de tentar perceber de qual dos dois poemas homéricos o épico de Vergílio é mais devedor, ou de qual se pretende aproximar mais. Chegar a uma conclusão não é fácil, se é que a há.

A bibliografia (pp. 299-329) é uma representação do melhor que no último século se escreveu sobre Vergílio, tendo forçosamente sido feita uma selecção, devido à elevada amplitude de títulos sobre o poeta romano. A fechar o livro, apresenta o A. um índice de passos e um índice geral.

Apesar do seu carácter denso e difícil, esta não deixa, porém, de ser uma leitura aliciante, útil a qualquer estudioso de Vergílio, independentemente do seu nível académico. Mas, como o próprio A. indica no final da introdução, mais do que falar sobre o livro, o melhor é lê-lo; por isso, “let us turn to the pleasures of the text” (p. 40).

Gabriel A. F. Silva

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

CELIA E. SCHULTZ (2021), *Fulvia. Playing for power at the end of the Roman republic*. Women in antiquity, New York, Oxford University Press, 130 pp. ISBN 9780197601839 (€25.33).

O título em epígrafe faz parte da colecção *Women in Antiquity* da Oxford University Press, que, até este momento, apresentou-nos biografias de mulheres que vão cronologicamente desde a rainha lágida Arsínoe II (2013) a Teodora, antiga cortesã que se tornou esposa de Justiniano (2016). Celia Schultz propõe, nesta obra, fazer uma análise equilibrada da vida de Fúlvia, tendo em consideração o contexto tardo-republicano, os políticos com que a matrona casou, que foram associados à destruição da República, e a sua posterior recepção que ficou indelevelmente marcada pelos retratos negativos de Cícero e do futuro Augusto, que entrou, por exemplo, na tradição histórica de Apiano e de Díon Cássio.

Schultz começa por expor, no primeiro capítulo (“The Background”, pp. 1-18), que se divide em vários subcapítulos (metodologia que se aplicará no restante livro), as dificuldades com que se irá deparar ao biografar Fúlvia, principalmente no que tange ao tratamento das fontes disponíveis, apresentando, logo de seguida, o seu plano de biografia (pp. 1-5). A dissecação do contexto político romano no período tardo-republicano é fundamental para entender as futuras acções de Fúlvia, tendo Schultz, didacticamente, recriado a vida da jovem romana enquanto narra

os principais acontecimentos da história romana que vão desde a ditadura sulana até à *societas* entre Pompeio, Crasso e Júlio César, lembrando a autora que, embora seja corrente afirmá-lo, não é correcto usar o termo “Primeiro Triunvirato” para designar o pacto feito entre estes três políticos (p. 8). Schultz ressalta igualmente a importância política dos casamentos entre as *gentes* romanas e as subsequentes alianças que nasciam com estes matrimónios. Schultz opera com a tradicional dicotomia *optimates/populares*, conquanto reconheça que os políticos romanos ziguezagueavam, de acordo com os seus interesses políticos, entre estes dois pólos, que são apresentados como estando destituídos de qualquer ideologia (p. 7 e p. 26). Essa divisão tem sido posta em causa, não tendo, contudo, a autora aludido a essa discussão (v. u.g. Robb 2010). Schultz aborda, de seguida, o contexto familiar de Fúlvia, que não está imune a dificuldades interpretativas na árvore genealógica da matrona romana. Por fim, o restante capítulo é dedicado à identificação das intituladas “Cunhagens de Fúlvia”, mostrando-se Schultz céptica no que toca à identidade dos anversos de RRC 489/5-6, RPC 1.3139, 3140, 4509, que alguns académicos interpretaram como sendo uma representação de Fúlvia enquanto deusa Vitória (pp. 14-16). Estas dúvidas serão finalmente dissipadas num recente artigo desta académica em co-autoria em que ela defende que não há nenhuma razão para que se identifique a matrona romana com as moedas supramencionadas (Schultz, McIntyre 2023). A autora conclui este capítulo com a educação da jovem romana (pp. 16-18).

O segundo capítulo, “Fulvia Enters the Scene” (pp. 19-48), é dominado pelo casamento com Públio Clódio, que se terá dado no final dos anos 60, tendo sido tragicamente terminado quando Clódio foi assassinado pelos associados de Tito Milão perto de Bovilas a 18 de Janeiro de 52. Este capítulo, todavia, se inicia não com Clódio, mas com os membros da *gens Claudia*, sendo ressaltado o ilustre ramo feminino, dando a autora especial proeminência à famosa cunhada de Fúlvia, Clódia, mulher de Quinto Metelo Célere (pp. 22-23). O casamento com Clódio é positivamente retratado, tendo Schultz, inclusive, proposto que Fúlvia fosse uma força estabilizadora para o romano, que tinha manchado a sua imagem, em 62, no intitulado “escândalo” da *Bona Dea* (p. 35). Esta aceção, juntamente com a afirmação na p. 36 em que Schultz defende que o casamento de Fúlvia com Clódio terá sido feliz, deve ser lida com alguma prudência, uma vez que são escassos os elementos que possuímos no que diz respeito à vida conjugal de Fúlvia com Clódio, estando a autora a entrar, igualmente, no campo da especulação quando infere que Fúlvia teve uma influência estabilizadora tanto em Clódio quanto mais tarde em António. De facto, Fúlvia aparece pela primeira vez nas fontes quando Clódio morreu, tendo sido especialmente realçado o luto público que a matrona consagrou ao seu falecido marido, e que levou, propositadamente ou não, aos tumultos que ocorreram no funeral de Clódio (pp. 40-45). Fúlvia testemunhou no julgamento de Tito Milão e não obstante não terem sido transmitidas as palavras da matrona depreende-se, segundo o testemunho de Ascónio (*Mil.* 40C), que o seu depoimento moveu os jurados para a condenação de Milão (pp. 45-48).

No terceiro capítulo, “Life with Curio and Antonius” (pp. 49-72), Schultz aborda os casamentos com Gaio Escríbónio Curião e Marco António, que ficarão marcados pelas guerras civis em Roma. Ao aludir a todos os maridos de Fúlvia, Schultz comete um lapso que pode ser interpretado como um anacronismo: ao afirmar que a matrona romana tinha tendência para um certo “tipo” de marido, i.e., alguém “decadent, dangerous, and skilled politicians out to destroy the system that promoted them” (p. 53), a académica está a reiterar o que nos foi transmitido pelas fontes, sendo boa parte destas hostis a estes políticos, contendo, ainda, traços característicos da invectiva política

(v. pp. 53-54). A despeito de alguns erros factuais, Schultz faz uma análise pertinente da carreira de Escribônio Curião (embora tivesse sido importante uma indagação mais pormenorizada do tribu-nato de Curião), que se terá casado com Fúlvia no final de 52 ou no início de 51. Este casamento, cujos pormenores e vivência de Fúlvia com Escribônio Curião nos são desconhecidos, também foi interrompido de forma abrupta quando Curião, no Verão de 49, em plena guerra civil, tombou em África perante o rei Juba II da Numídia (pp. 50-61). O casamento com Marco António, fruto das vicissitudes da história romana, está bem mais documentado, e será neste matrimónio que Fúlvia adquirirá uma maior importância nos acontecimentos da *res publica*. Neste capítulo, todavia, a Schultz aborda o casamento de Fúlvia com Marco António somente até aos Idos de Março de 44 (pp. 61-72), situando o matrimónio com o futuro triúnviro para o ano de 47. Uma vez mais, Schultz não se limita a narrar a carreira de Marco António, tendo, do mesmo modo, discorrido a sua amante e cortesã, Volúmnia Citéris (pp. 63-67). No que respeita a António, repetem-se alguns lugares-comuns associados ao futuro triúnviro, como, e.g., a sua falta de habilidade para tarefas administrativas (ao comentar o período em que António foi *magister equitum* de César), o que é, no mínimo, questionável (v. p. 62). O matrimónio com Fúlvia é, assim, posto no contexto em que Marco António falhou na sua governação em Roma enquanto César se encontrava no Oriente representando a matrona romana, assim como anteriormente com Clódio, uma “stabilizing influence” (p. 68). Esta imagem de um António submisso foi, em primeiro lugar, propagada por Cícero, tendo sido, mais tarde, replicada pelas restantes fontes, tendo a biografia de Plutarco dedicada ao futuro triúnviro sido moldada segundo este arquétipo.

O quarto capítulo cobre os acontecimentos desde o assassinio de César nos Idos de Março de 44 até à morte de Fúlvia em 40 a.C. Este capítulo, intitulado “Fulvia’s Final Act” (pp. 73-103), corresponde, efectivamente, ao período em que conhecemos melhor as actividades da matrona romana, fruto, principalmente, do poder adquirido pelo seu marido Marco António. São recordados alguns episódios em que a matrona romana interveio, como os negócios com o rei Dejótaro da Galácia, que foram realizados na sua *domus* por volta de Abril de 44 (p. 86); a intervenção de Fúlvia e da mãe de António, Júlia (que também, a nosso ver, merecia uma biografia), no final de Dezembro de 44/início de Janeiro de 43, num momento em que aparentemente os senadores favoreciam uma moção de Cícero em que o futuro triúnviro seria declarado *hostis*, quando, segundo Apiano (B.C. 3.51, 58), Júlia e Fúlvia reuniram amigos e familiares e dirigiram-se ao senado com roupas de luto, tendo entoado gemidos e lamentações pela situação em que se encontrava António (pp. 82-83); a posição de Fúlvia a favor dos triúnviros, no período logo após as proscricções, em contraste à de outras matronas romanas, que receberam o apoio de Octávia, Júlia e Hortênsia, quanto à introdução de uma nova taxa para as 1400 mulheres mais ricas de Roma (pp. 89-90); o papel central de Fúlvia no denominado *bellum Perusinum* (pp. 91-102; guerra de Perúsia, 41-40 a.C.); e finalmente de que modo é que Fúlvia serviu, após a sua morte, como bode-expiatório para o próprio Marco António, que a terá culpado pela eclosão do conflito em Perúsia (pp. 102-103). Schultz, não obstante assinalar o poder que Fúlvia teria neste período, também ressalta o testemunho de Cornélio Nepos (*Att.* 9.1-10.6), no espaço cronológico entre a declaração de *hostis publicus* a António (26/27 de Abril de 43) até à formação do triunvirato, que enfatiza a vulnerabilidade da matrona romana, que teve de pedir ajuda a Ático por causa das inúmeras acções legais de que foi alvo quando o futuro triúnviro foi declarado *hostis*. Schultz também realça alguns paralelos entre as acções de Fúlvia e outras matronas romanas,

assinalando, de modo pertinente, que a mulher de Marco António foi alvo de uma tradição hostil que obliterou a sua imagem: o recrutamento de tropas para auxiliar Lúcio António no cerco de Pérúsia em 41 a.C. tem o seu correspondente com Octávia (nesse momento, esposa de António) em 35 a.C., quando esta levou tropas e munições para a Grécia ao encontro do triúviro (p. 101). A autora ressalta igualmente outras intervenções de matronas neste período que estavam em linha com as de Fúlvia, como por exemplo as de Pórcia (esposa de Marco Bruto, cúmplice nos planos que levaram aos Idos de Março e que esteve presente na reunião de 8 de Junho de 44 convocada por Servília, mãe de Marco Bruto); de Júlia (mãe de António); de Múcia (mãe de Sexto Pompeio) e de Escríbónia (esposa deste último), as quais tiveram papéis significativos nos inúmeros pactos que foram forjados no período do triunvirato (40-37 a.C.). Fúlvia, como assinala Schultz, foi a mais visível de todas estas mulheres (p. 101).

Por fim, no último capítulo (“After Fulvia’s Death”, pp. 104-118), são assinalados os acontecimentos entre a morte de Fúlvia em 40 e o suicídio de Marco António em Agosto de 30, tendo a autora discorrido, inclusivamente, sobre a sorte dos filhos de António e Cleópatra, não esquecendo o destino da progénie de Fúlvia e o legado e a recepção da matrona romana na cultura ocidental. O famoso quadro do pintor russo Pavel Svedomsky, *Fúlvia Com a Cabeça de Cícero* de 1898 (que está na capa deste livro), baseado no testemunho de Díon Cássio (47.8.3-5), em que uma lúbrica e insana Fúlvia aparece a espetar os seus ganchos de cabelo na língua do defunto Cícero, tendo ainda o pormenor de sobrar um gancho no cabelo da matrona romana, i.e., Fúlvia ainda deseja continuar o seu divertimento, é simbólica da apreciação da mulher de António no Ocidente (pp. 113-114). Este *locus* de tirania associado à matrona romana foi fazendo parte da sua imagem nas obras modernas sobre história de Roma, como é o caso de Oliveira Martins, que repetiu, na sua *História da República Romana*, a narrativa de Díon Cássio (1965, 2.402). Mais curiosa é a omissão quase total da matrona romana nas representações da Sétima Arte. Schultz assinala a supressão de Fúlvia de uma das mais famosas séries sobre Roma, *Rome* da HBO, mas, como lembram Cyrino e Beness a *persona* Ácia, interpretada por Polly Walker, foi modelada não a partir da Ácia histórica, mas de Fúlvia (Cyrino 2008, 139; Beness 2022, 626). A matrona romana continua a ser, contudo, marginalizada no cinema (e.g. Fúlvia não é representada na recente série *Domina*, que narra a vida de Lívia) ou na obra de Shakespeare (Fúlvia é apenas indirectamente mencionada: pp. 114-116). Quanto aos romances históricos, é uma personagem secundária nos romances de Steven Saylor e Colleen McCullough: pp. 114-117; cf., no entanto, *O Trono de César* – 2018 – de Saylor em que a matrona adquire um papel central especialmente na realização da *laudatio funebris* de César que foi proferida por António). Em conclusão, Schultz eleva a importância da biografada ao enfatizar que Fúlvia foi um protótipo para as mulheres imperiais como Lívia, Agripina *Minor*, Plotina, Faustina *Minor* e as mulheres do período dos Severos (sobre estas mulheres v. o livro *Imperial Women of Rome. Power, Gender, Context*, que também foi recenseado por nós neste mesmo volume).

Esta biografia de Fúlvia possui inúmeros méritos. Não só providencia uma narrativa equilibrada e coerente sobre a matrona romana, como também informa, de modo didáctico, sobre o funcionamento da política e sociedade romanas. Todos os termos gregos e latinos estão traduzidos, tendo a autora sempre a preocupação de contextualizar os acontecimentos coevos à vida de Fúlvia, o que facilita a leitura deste livro até da parte de um público não especializado. O livro possui um mapa do império romano em 44 a.C. e de Roma no período tardo-republicano, tendo a autora elaborado

uma árvore genealógica de Fúlvia (p. 9). O livro apresenta ainda um Índice que remete para todas as *dramatis personae* que aparecem na obra. Há, no entanto, alguns erros, principalmente factuais, que merecem ser assinalados. Começando no primeiro capítulo, Schultz alude aos casamentos de Semprónia, mãe de Fúlvia, com Marco Fúlvio Bambalião e Lúcio Licínio Murena, que foi cônsul em 62, tendo Semprónia, aparentemente, se divorciado do primeiro para casar com o segundo. A A. depreende que o casamento de Fúlvia com Públio Clódio estaria, de algum modo, relacionado com a aliança entre Murena e Clódio (v. p. 12 e esp. 18). Schultz opta, contudo, por relativizar o testemunho de Dión Cássio (45.47.4; v. p. 12 n. 19), que nos faz crer que Bambalião ainda estaria vivo (a autora infere que Bambalião “die prematurely”; v. p. 18) quando António se casou com Fúlvia, desvalorizando, deste modo, a importância de Murena, i.e., o beneficiário do casamento seria o pai da matrona romana (tal como lembra Tatum 1999, 61 na sua biografia de Clódio). Acresce que há, ainda, dúvidas no que diz respeito à identidade da Semprónia que foi esposa de Murena pelo que esta dedução deveria ter sido acompanhada de bibliografia que discute este assunto (v. e.g. Arkenberg 1993, 342-343). No que tange ao segundo capítulo, Schultz não assinala, na parte dedicada ao julgamento de Tito Milão (p. 45), o artigo de Ramsey (2016), que põe a hipótese de Pompeio ter sido eleito nos *comitia* e não por decreto do senado, indo de encontro à versão tradicional transmitida pela autora. A imaginação reconstrutiva de Schultz, quase sempre assinalável, também comete, em nosso entendimento, alguns anacronismos quando, por exemplo, defende que o casamento entre Clódio e Fúlvia foi feliz, tendo-se alicerçado somente no testemunho de Cícero (*Mil.* 28, 55) em que este afirmou que o casal raramente estava separado. O testemunho do orador deve ser interpretado com alguma cautela uma vez que, neste caso, Cícero quereria assinalar que Clódio, ao contrário de Tito Milão que viajava na companhia da sua mulher, ao seguir sozinho no dia do seu assassinio, desejaria ele próprio preparar uma emboscada a Milão.

No terceiro capítulo, a autora comete alguns erros factuais. Cícero nunca afirmou no senado que António e Escríbónio Curião foram amantes (p. 51). Este testemunho apenas aparece em Cic. *Phil.* 2.44-46, uma *Filípica* que nunca foi pronunciada no senado. Nas pp. 53-54, Cic. *Phil.* 2.4 não tem que ver com a tentativa de Ápio Cláudio de expulsar Curião do senado (D.C. 40.63.5-64.2), mas com a campanha para a eleição de António para o augurato em 50 a.C. Schultz também comete algumas incorrecções no que diz respeito ao período inicial do casamento entre Fúlvia e António. Em primeiro lugar, propõe peremptoriamente, sem discussão, a data de 47 a.C. para o matrimónio entre ambos (p. 67), sendo o casamento entre Fúlvia e António alvo de dúvidas entre os académicos no que toca à sua datação, tendo sido aventado que foi realizado entre 47 e 45 a.C. Acrescente-se que a data proposta pela autora é alicerçada no testemunho de Cic. *Phil.* 2.99, que, pretende acusar António de ter usado um pretexto para se divorciar de Antónia com o intuito de se casar logo imediatamente com Fúlvia. No que diz respeito ao casamento com António, Schultz segue, *mutatis mutandis*, a mesma linha de raciocínio do que com Clódio: Fúlvia providenciou a estabilidade necessária para o futuro triúviro adquirir respeitabilidade em Roma (p. 68). Esta perspectiva, embora possa conter alguma verosimilhança, foi-nos legada, essencialmente, pela invectiva de Cícero e pela interpretação de Plutarco da relação mestre/pupilo, que o biógrafo grego produziu na biografia dedicada a António, pelo que deve ser adoptada com alguma reserva. O episódio de *seruitum amoris*, narrado na p. 68, ocorreu em Março de 45, quando António regressou repentinamente a Roma, e não em Dezembro de 47 ou Janeiro de 46, segundo assinala a autora Nesse sentido, ao contrário

do que afirma Schultz na p. 69, António e Fúlvia não desapareceram dos registos históricos entre 46 e Outubro de 45. No quarto capítulo, a Schultz afirma que foram retiradas, a Marco Bruto e Cássio, as províncias que lhes foram anteriormente alocadas (pp. 77 e 79) mas essa dedução não é, actualmente, defendida por boa parte dos académicos, sendo pacífico que, na altura dos Idos de Março, as províncias pretoriais para 43 a.C. ainda não tinham sido sorteadas. Assinale-se, por fim, a ausência de alguma bibliografia que teria sido muito pertinente para o estudo de Fúlvia. Boa parte destes estudos já foram indicados por Rosillo-López numa recensão a esta obra (<https://bmc.brynmawr.edu/2022/2022.07.20/>), mas a ausência da pioneira biografia de Fúlvia, que foi escrita por Francesca Rohr Vio, *Fulvia. Una matrona tra i 'signori della guerra'* (2013), é um lapso que não se poderá deixar de lamentar. De facto, a autora limita a sua bibliografia ao espaço anglo-saxónico, notando-se a ausência de estudos germânicos, franceses, italianos e ibéricos. A inclusão destes estudos teria enriquecido ainda mais esta biografia de Fúlvia.

Estes pequenos lapsos não diminuem, todavia, o alcance da obra de Celia Schultz. Este livro pode, com efeito, ser lido por um público heterogéneo que vai desde os académicos até a um público não especializado (até o preço da obra é convidativo). Quem quiser saber mais sobre Fúlvia, uma mulher que foi, no seu tempo e para além dele, vilipendiada e descaracterizada, terá de ler esta biografia.

João Paulo Simões Valério

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

MARY T. BOATWRIGHT (2021), *Imperial Women of Rome. Power, Gender, Context*. New York, Oxford University Press, 382 pp. ISBN: 9780190455897 (81.33€)

O estudo sobre as mulheres da *domus* imperial sempre foi um assunto que fascinou os académicos. Boatwright, nesse sentido, apresenta-nos uma análise rigorosa sobre o poder que estas matronas teriam em Roma. A A. concentra a sua obra nas mulheres que foram casadas com imperadores ou que eram familiares próximos como irmãs, mães, avós ou sogras. O segmento cronológico vai desde Octávia e Lúvia em 35 a.C. até ao fim da dinastia dos Severos com a morte de Júlia Mamaia em 235 d.C. Na introdução (pp. 1-9), Boatwright explana o seu objecto de estudo optando, ao contrário de outras abordagens de cariz biográfico, por fazer uma aproximação temática (como um todo) inserindo, dentro de cada capítulo, uma sequência diacrónica. A A. informa, ainda, sobre a metodologia que vai seguir, assinalando que o sistema imperial favorecia a proeminência das famílias próximas aos imperadores e, subsequentemente, as mulheres da casa imperial. As fontes utilizadas não se limitam às tradicionais fontes escritas para a idade imperial (e.g. Tácito ou Dion Cássio), tendo a académica recorrido a uma panóplia assinalável de fontes materiais (numismática, escultura, epigráficas e outras fontes arqueológicas).

A A. principia cada capítulo com um pequeno subcapítulo inaugural que visa fornecer uma breve descrição do tema que vai ser tratado. Assim, no primeiro capítulo “Rome’s Imperial Women and Rome’s Imperial Power” (pp. 10-46), introduz-se o caso da protecção que Lúvia (aqui já



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA